

(2) Comentários

Votação: ★★★★★

8+1 4

Compartilhe: 13

Casos de violência em casa representam 38,63% dos ataques homofóbicos

Um menino de 8 anos foi espancado até à morte pelo pai para "aprender a ser homem". Casos como esse representam 38,63% dos registros de violência homofóbica no país

Julia Chaib

Publicação: 09/03/2014 07:52 Atualização: 09/03/2014 08:13



Retrato da intolerância

Casos de violência contra lésbicas, gays, bissexuais e travestis (LGBT) no país levantaram o debate sobre agressões contra o grupo. Confira dados sobre assassinatos e denúncias motivados por homofobia.

Assassinatos contra homossexuais



Distribuição dos homicídios (2013)



Número de denúncias de homofobia recebidas em 2012 pela SDH



O caso de Alex Medeiros, 8 anos, espancado até a morte pelo pai, Alex André, 34 anos, em 17 de fevereiro, no Rio de Janeiro, trouxe à tona o retrato de uma intolerância que não acontece apenas nas ruas, mas, também, dentro de casa. Em depoimento à polícia, o pai da criança disse que bateu no filho para “dar um corretivo” porque ele tinha de “andar como homem”. A atitude violenta de Alex se encaixa em um perfil de violações que ocorrem Brasil a fora. No último balanço disponível da Secretaria de Direitos Humanos (SDH) da Presidência da República sobre violência homofóbica, com as denúncias feitas à pasta em 2012, os casos de violação motivados pela orientação sexual e de gênero em casa representam 38,63% dos registros, seguidos pelas agressões na rua, com 30,89% do total de 3.084 queixas.

Ainda segundo o relatório, 61,47% das violações ocorrem com jovens de 12 a 29 anos. Apesar de estar abaixo da faixa etária, Alex ilustra os casos de violência com jovens em casa, segundo especialistas. De acordo com o conselheiro tutelar Rodrigo Coelho, Alex André batia no menino por achar que era uma forma de corrigi-lo. O pai se incomodava com o fato de o filho gostar de dança do ventre, de lavar louça e de não querer cortar o cabelo. O homem declarou também que Alex era desobediente. “Pelo relato familiar, era uma criança ‘rebelde’, que não respeitava os pais, mas o que consta no relatório escolar da criança diz totalmente o contrário, que ele era um menino inteligente, calmo, tranquilo”, disse ao Correio.

Leia mais notícias em Brasil

Luiz Mott, antropólogo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB), afirma que a homofobia não tem retrocedido no Brasil e faltam políticas para educar a população sobre o tema. “Existe no imaginário coletivo do machismo brasileiro essa pena de morte contra o filho homossexual”, diz. A doutora em psicologia com atuação em estudos de gênero Tatiana Lionço ressalta que, nesse caso, a violência corretiva para impedir que a criança seja gay ou “mulherzinha” é praticada contra uma pessoa que nem sequer consegue compreender o que acontece a sua volta. “A criança não faz ideia do que é ser um homem afeminado, porque seria inapropriado brincar com certas coisas”, disse.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#).

Saiba mais...

Nível dos rios Acre e Madeira voltaram a subir neste sábado

Rio de Janeiro pretende vacinar 113 mil meninas contra o HPV

Chuvvas estabilizam nível do volume de